

CONFORME O DISPOSTO NA FICHA DE INSCRIÇÃO, EXPLÍCITE:

- a) Área de inscrição: Psicologia

SUICÍDIO E SENTIDO DA VIDA: CONTRIBUIÇÕES DE FRANKL E LANDSBERG

Andersson José Aparecido de Oliveira e Yuri Elias Gaspar

*Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri
anderssoncristo@gmail.com; yuri.gaspar@ufvjm.edu.br*

Resumo

Objetivamos, por meio de pesquisa teórica, investigar as contribuições de Frankl e Landsberg para a compreensão da experiência do suicídio. Evidencia-se uma aproximação teórica entre os autores no que se refere ao reconhecimento do suicídio como ato humano, à valorização da dimensão do sentido como fundamental para a compreensão da experiência de quem tenta se matar, à análise da modernidade como adoecedora. Concluímos que os autores permitem compreender o suicídio em sua complexidade, oferecendo subsídios para acompanhar a pessoa que tentou se matar por meio da elaboração do sentido da vida.

Palavras-chave: Suicídio. Frankl. Landsberg. Sentido da vida.

Abstract

We aim, through theoretical research, to investigate the contributions of Frankl and Landsberg to the understanding of the suicide experience. There is a theoretical approximation between the authors regarding the recognition of suicide as a human act, the valorization of the dimension of meaning as fundamental for the understanding of the experience of those who try to kill themselves, the analysis of the disease of modernity. We conclude that the authors allow to understand suicide in its complexity, offering subsidies to accompany the person who tried to kill himself through the elaboration of the meaning of life.

Keywords: Suicide. Frankl. Landsberg. Meaning of life.

Introdução

Do ponto de vista epidemiológico, o suicídio é considerado pela OMS uma problema de saúde pública e os índices são alarmantes. Trata-se de fenômeno multi-fatorial, multi-causal, implicando fatores biológicos, pessoais, sociais e históricos (AQUINO, 2009; CASSORLA, 2004; DUTRA, 2000). Diante de tal complexidade é possível reconhecer a incidência e a importância da questão existencial na vivência e elaboração do suicídio. Este cenário nos instigou a investigar de que modo a pessoa que tentou suicídio elabora essa experiência, identificando tanto fatores de risco quanto fatores de proteção que perpassam este

fenômeno. Neste trabalho, apresentaremos um recorte teórico desta pesquisa, qual seja: evidenciar as contribuições dos fenomenólogos Viktor E. Frankl e Paul L. Landsberg para a compreensão da experiência do suicídio.

Apesar de Frankl ser médico psiquiatra de formação e Landsberg, filósofo, é possível reconhecer semelhanças em suas teorias. Como ponto de partida, além de compartilharem algumas referências em comum (especialmente o fenomenólogo Marx Scheler), ambos viveram os horrores dos campos de concentração nazista na Segunda Guerra Mundial.

A seguir, delineamos os resultados da pesquisa teórica em duas obras nas quais os autores abordam diretamente a questão do suicídio: “O sofrimento de uma vida sem sentido: caminhos para encontrar a razão de viver” (FRANKL, 2015) e “Ensaio sobre a experiência da morte e outros ensaios” (LANDSBERG, 2009).

1.1 Contribuições de Viktor E. Frankl

Segundo Frankl (2015) um fator relevante para desencadear a ideação suicida é o vazio existencial, ausência generalizada de sentido que incide na experiência das pessoas. Tal ausência de sentido as impede de tomarem posição na vida e de serem elas mesmas.

Quando me perguntam como explicar o advento desse vazio existencial, cuido então de oferecer a seguinte fórmula abreviada: em contraposição ao animal, os instintos não dizem ao homem o que ele tem de fazer e, diferentemente do homem do passado, o homem de hoje não tem mais a tradição que lhe diga o que deve fazer. Não sabendo o que tem e tampouco o que deve fazer, muitas vezes já não sabe mais o que, no fundo, quer. Assim, só quer o que os outros fazem – conformismo! Ou só faz o que os outros querem que faça – totalitarismo (FRANKL, 2015, p. 11).

Frankl (2015) aponta então a perda dos instintos e a perda da tradição como sintomas do “vazio existencial” na modernidade. Em suas análises, compreende que existe outro sintoma que se configura como uma espécie de “patologia” de ordem espiritual (e não psíquica) que ele nomeia como “neurose noogênica”.

Ao contrário da neurose no seu sentido estrito, que constitui, *per definitionem*, uma afetação psicogênica, a neurose noogênica não se reporta a complexos e conflitos no sentido clássico, mas deriva de conflitos de consciência, de colisão de valores e, *last but not least*, de uma frustração existencial, a qual, uma vez ou outra, pode expressar-se e manifestar-se sob a forma de uma sintomatologia neurótica (FRANKL, 2015, p. 11).

Diante deste cenário, Frankl (2015) aponta a “vontade de sentido” como motivação fundamental do ser humano e o encontro do sentido como fator de proteção ao vazio existencial. Para ele, não obstante o suicídio seja complexo e multifatorial, a dimensão do sentido é fundamental para sua compreensão e prevenção. Como afirma em outra obra: “Se não existir algum sentido para se viver, uma pessoa tende a tirar-se a vida e está pronta para fazê-lo mesmo que todas suas necessidades sob qualquer aspecto estejam satisfeitas” (FRANKL, 2005, p. 18). Quem tem um “para quê” viver tem mais condições de elaborar sua experiência de sofrimento. Portanto, é possível encontrar sentido até no sofrimento, mesmo este sendo inevitável. Tomar posição diante das piores situações é a possibilidade de transformar uma tragédia humana em triunfo (FRANKL, 2015).

Para Frankl (2015), a dimensão do sentido não é genérica nem arbitrária, mas encontrada na experiência, particular e única, vivida em cada situação. Cada pessoa tem a responsabilidade de dinamizar o sentido concretamente, isto é, cabe ao sujeito se posicionar diante de sua vida. Frankl (2015) considera a felicidade como “efeito colateral”, consequência da dinamização do sentido. O que a pessoa realmente quer é “um motivo para ser feliz” (p. 65).

O ser humano sempre aponta para algo ou alguém além de si mesmo, “para algo que não é ele mesmo” (FRANKL, 2015, p. 15). Assim, a busca constante por sentido não é vivida isoladamente: a presença do outro pode ser companhia que ajuda a pessoa a elaborar sua experiência e a reafirmar o valor da vida.

1.2 Contribuições de Paul L. Landsberg

O suicídio é compreendido por Landsberg (2009) como um ato humano. Em suas palavras: “o ato pelo qual um ser humano cria voluntariamente o que ele julga ser uma causa eficiente e suficiente para a sua própria morte” (LANDSBERG, 2009, p. 72).

Por ser um ato humano, o suicídio implica diretamente a questão do livre-arbítrio. “Poucos fatos caracterizam tão profundamente o abismo da liberdade e a força da reflexão pela qual o homem se torna, de certo modo, mestre de seus atos e de sua existência” (LANDSBERG, 2009, p. 68). Na cultura ocidental o suicídio ainda é considerado tema tabu, cercado de preconceitos. Mas não é possível fugir desta temática, já que a questão da vida e

da liberdade humana implica necessariamente o problema da morte e do como morrer. Desse modo, o suicídio emerge como uma possibilidade, embora redutiva, de morrer: “existe uma vontade de viver e uma vontade de morrer. Esta deve ser bastante forte para levar ao ato real do suicídio” (idem).

Landsberg (2009) identifica que a modernidade construiu uma noção pouco saudável de felicidade com a ilusão de poder destruir o sofrimento. É justa a luta da medicina paliativa no cuidado com as doentes incuráveis e o anseio das políticas públicas em extirpar toda condição de desigualdade socioeconômica, no entanto, é preciso reconhecer que viver significa sofrer enfrentando os acidentes impostos pela própria existência. “Se a felicidade fosse o sentido da vida, o sofrimento seria um fato revoltante e, por fim, insuportável.” (LANDSBERG, 2009, p. 82).

Em suas reflexões, Landsberg (2009) aponta a perda de sentido como fator crucial para favorecer a vontade de morrer. Se o sujeito não vê sentido no sofrimento nem na sociedade, sair pela “porta derradeira” surge como possibilidade. “Na grande maioria dos casos, o que leva ao suicídio é o fracasso de todos os outros meios: é uma experiência universal de impotência” (LANDSBERG, 2009, p. 88). O autor afirma que o “suicida”, ao se perceber diante da condição humana em que “viver é pior que morrer”, tenta, na medida do possível, encontrar razões/sentidos para permanecer no mundo antes de decididamente dizer não à vida.

Para Landsberg (2009), a prevenção da morte voluntária pode perpassar a elaboração de que “viver é carregar uma cruz” (p. 82). A cruz representa as feridas da existência; suportá-la significa decidir viver. Evidencia-se, portanto, que para este autor o encontro de um motivo para “viver e sofrer” é o critério e o fator de resiliência que ajuda na ressignificação da vida e na recusa do desejo de morrer.

1.3 Considerações finais – Frankl e Landsberg: um encontro possível

Sinteticamente, podemos dizer que, para Frankl, o suicídio pode emergir da frustração existencial culminando com a perda do sentido na vida: nessas circunstâncias a pessoa responde sim ou não à existência. Já Landsberg considera a morte voluntária como ato do

sujeito, uma decisão pessoal, embora de certa forma redutiva, já que desconsidera outros fatores em jogo.

A partir da análise das obras, reconhecemos que tanto Frankl quanto Landsberg consideram a dimensão do sentido como fundamental para a compreensão da experiência do suicídio. Independente das causas que levam a pessoa a sofrer e a considerar a possibilidade de se matar, a elaboração de por que vale a pena continuar a viver é importante neste momento de decisão. Para ambos, mesmo diante do sofrimento, é possível encontrar o sentido de vida.

Além disso, tanto Frankl quanto Landsberg reconhecem o suicídio como ato da pessoa, o que não significa que não haja influências externas. Pelo contrário: ambos reconhecem na modernidade um contexto adoeceador que facilita esta experiência de querer se matar.

Concluimos que as contribuições de Frankl e Landsberg abrem caminho para analisar o suicídio em sua complexidade, apontando a importância da elaboração do sentido como fator de prevenção e oferecendo subsídios para compreender a pessoa que tentou se matar com abertura para os significados que perpassam sua experiência.

REFERÊNCIAS

- AQUINO, T. A. A. *Atitudes e intenções de cometer o suicídio: seus correlatos existenciais e normativos*. 2009. 280f. Tese (Doutorado em Psicologia Social) – Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes. Universidade Federal da Paraíba, Paraíba, 2009.
- CASSORLA, R. M. S. Suicídio e autodestruição humana. In: WERLANG, B. G.; BOTEGA, N. J. (Org.s). *Comportamento suicida*. Porto Alegre: Artmed, 2004. p. 21-33.
- DUTRA, E. M. S. *Compreensão de tentativas de suicídio de jovens sob o enfoque da abordagem centrada na pessoa*. 2000. 211f. Tese (Doutorado em Psicologia) – Instituto de Psicologia. Universidade de São Paulo, São Paulo, 2000.
- FRANKL, V. E. *O sofrimento de uma vida sem sentido: caminhos para encontrar a razão de viver*. São Paulo: É Realizações, 2015. 128p.
- FRANKL, V. E. *Um sentido para a vida: psicoterapia e humanismo*. 19ª ed. Aparecida - SP: Ideias & Letras, 2005. 169p.
- LANDSBERG, P. L. O problema moral do suicídio. In: LANDSBERG, P. L. *Ensaio sobre a experiência da morte e outros ensaios*. Rio de Janeiro: Contraponto: PUC-RIO, 2009. p. 65-89.